ANO 1.° LISBOA—QUINTA-FEIRA, 19 DE JANEIRO DE 1922 N.° 245

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

UM MANIFESTO

O sr. dr. Bernardino Machado acaba de apreciar, em documento que um grupo de republicanos decidiu espalhar com larguesa, o actual momento politico.

Quízeramos seguir, se tivessemos espaço para tanto, o pensamento do ilustre procere, no que ele tem de firme e claro e em certos esbatidos que, ás vezes, são uma maneira feminina e muito sua de traduzir os seus conceitos. Salientaremos, no entanto, este periodo:

—«As revoluções, ainda as mais generosas, quando não são feitas pela vontade colectiva da Nação, são sempre lastimaveis, e perigosas até pelas surpresas que tantas vezes trazem atrás de si».

Esta afirmação envolve uma distinção entre boas e más revoluções, sendo as primeiras apoiadas pela maioria dos cidadãos e as segundas por qualquer minoria atrevida e opressora. O *cinco de outubro* e o *catorze de maio* merecem as simpatias do sr. dr. Bernardino Machado, porque realizaram aspirações nacionais.

O *dezanove de outubro?*

Pertence ao numero das revoluções que não lhe agradam. Não são muito explicitas as razões apresentadas por s. ex.ª. O programa dos *outubristas* tem bastantes pontos de contacto com a serie de medidas que o manifesto preconisa. Assim, por exemplo, este diz que os partidos necessitam refundir-se, para que possam ser uteis á Republica.

Não disseram os *outubristas* que a sua intervenção na politica do país duraria só o tempo suficiente, para que os organismos partidarios se reorganizassem?

Não prometiam eles um tempo de ditadura revolucionaria que seria aproveitado para resolver os problemas mais dificeis da nossa crise, a fim de termos governos estaveis, normalidade constitucional e um parlamento bem irmanado com a alma e as esperanças do povo?

Sendo assim, parece que o sr. dr. Bernardino Machado não devia ser tão duro com eles. Que o *Diario de Lisboa*, que não distingue as revoluções em beneficas nem maleficas, porque as detesta a todas, se manifeste contra a vaga *outubrista* — que aqui para nós ainda ninguem estudou no seu verdadeiro significado, que é economico e não politico—compreende-se.

Sem os crimes da *noite tragica*, não seriam eles os autenticos republicanos — os que traduzem sempre, no dizer do sr. dr. Bernardino Machado, a vontade colectiva da nação?

Poderia o sr. dr. Bernardino Machado acusá-los de simples perturbadores da ordem, se eles, assenhoreando-se do Estado, se socorressem das suas luses, conselho e experiencia, como foi, segundo se diz, intenção de alguns?

OPTIMISMO LOGICO

A DO SACO—Com esta carestia dos generos, a vida está pezadissima!
A DAS GARRAFAS — A quem tu o dizes! Mas eu, tenho esperanças que isto pode vir para baixo...

DEPOIS da queda provisoria do gabinete Maura, o rei Afonso chamou a palacio varios homens publicos, para os ouvir sobre a melhor solução a dar á crise.

Aconteceu, porém, que os srs. Gasset, Bugallal, Alcalá Zamora receberam convite para se avistarem com o soberano, num domingo que lá é dia de descanso, mesmo para os jornalistas. Para que estes não infringissem a respectiva lei, avisaram-se os três politicos de que só seriam recebidos, na passada segunda-feira de manhã.

Este pequeno facto demonstra eloquentemente que ha, em Espanha, o que podemos chamar o sentimento das delicadezas. A imprensa constitui lá uma fôrça que se faz respeitar. Mas, além disso, não falta a boa educação...

* * *

DO ministerio dos Estrangeiros dizem-nos que não é exacto que o sr. ministro dos Negocios Estrangeiros tivesse conferenciado com o sr. dr. Veiga Simões, antigo titular da pasta, ácerca da redacção do decreto que suspende a execução do diploma organico daquela secretaria de Estado, assunto este que não se tratou.

* * *

QUANDO ontem o sr. Plinio Silva visitou, no Barreiro, a carruagem salão que, em tempos idos, o rei Vitor Manuel ofereceu a sua filha, a rainha de Portugal D. Maria Pia, alguns dos circunstantes, instintivamente, descobriram-se, conservando o chapeu na mão, por alguns minutos. Reimplantou-se a monarquia, quasi em segredo, mas com muito respeito, num armazem de arrecadações.

* * *

UM acrobata português chamado Nestor Lopes propõe-se fazer a escalada da torre e zimborio da Basilica da Estrela, no proximo domingo. No Porto, já subiu até ao alto da Torre dos Clerigos, com as botas calçadas.

Se realizar tal *performance*, poder-se-há dizer dele que ninguem lhe faz sombra—o que é raro, entre nós.

* * *

ONTEM, na recita de gala, no Teatro Nacional, notou-se que as mulheres elegantes não apreciam Molière. Bastantes camarotes vazios e, nalguns deles, criaturas de semblante severo. Alguem disse-nos:

—«A Republica não tem a moda pelo seu lado.»—«Talvez, por falta de modos...»

* * *

AINDA não há qualquer acordo sobre a eleição de Lisboa. Os democraticos, que contam com as maiorias, tratam os partidos menores com certo desdem. Estes irritam-se, mas não desistem de vencer-lhes a cegueira.

* * *

O PINTOR Alberto Jourdain, cujo *atelier*, em Entre-Campos, está sendo muito visitado por criticos e amadores, vai fazer uma exposição dos seus quadros, na Suiça, em Lausanne ou Genève—motivo este que o leva a não expôr este ano em Lisboa.

ONTEM um joven marinheiro comprou um «fauteuil» de orquestra e entrou na plateia do Nacional. Ao chegar ao seu logar, viu nos camarotes da esquerda muitos oficiais superiores, de grande uniforme. Ficou bastante atordoado.

Conservou-se de pé, com o boné nas mãos indecisas, encarando André Brun que dizia a biografia de Molière. A certa altura, cubriu-se e, fazendo a continencia para o camarote da G. N. R., pediu licença para se assentar. Ninguem, dando pelo seu gesto, mantere a vertical.

Como, porém, a sua presença principiasse a ser notada, alguem dolado dos uniformes rebrilhantes, reparando, emfim, no pobre rapaz, deu-lhe a perceber por acenos que ocupasse o seu «fauteuil». Assim fez. Devemos confessar, porém, que, por uns instantes, este joven marinheiro timido conseguiu desviar as atenções do culto de Molière.

* * *

PELO ministerio da Justiça foi nomeada uma comissão composta dos drs. Ferreira Lima, juiz da Relação de Lisboa; Cesar Augusto dos Santos, procurador da Republica junto da Relação de Lisboa; Borges de Castro, conservador do registo predial; Francisco Marques, conservador do registo predial da Lourinhã; Costa Viana, chefe da 2.ª repartição do ministerio da Justiça e dos Cultos, servindo o primeiro de presidente e o ultimo de secretario, para elaborar um projecto de lei em que fique coligida toda a legislação referente ao registo predial, que possa fazer parte do Codigo Civil e a introduzir nele, e bem assim um regulamento que dê efectivação ás disposições daquele projecto.

* * *

EM Angola, a fim de se reprimir a vadiagem, vai ser determinado que todos os indigenas com obrigação de trabalho andem munidos de um livrete onde conste a sua identidade, como a do patrão, qualidade de serviço que presta, etc. Terminado o praso que foi dado para acquisição do livrete serão presos os indigenas que o não possuam e serão mandados prestar serviço nas obras do Estado ou do Municipio, além da pena que ao patrão deve ser aplicada.

* * *

CHABI Pinheiro, na recita de gala do Nacional, foi um Sganarelo superior, valendo ele por si só uma homenagem perfeita ao genio de Molière.

* * *

ZUZARTE de Mendonça (filho) vai publicar brevemente um volume de liricas—«do meu amor e da minha terra»—a que poz o titulo simples de—*Versos*.

* * *

VARIAS companhias requereram o exclusivo, em diferentes pontos da provincia de Moçambique, da exploração de casca de mangal.

* * *

FOI hoje assinado pelo sr. Presidente da Republica um decreto destinado a abrir um credito de 600 contos para ocorrer ás necessidades da provincia de Cabo Verde.

Musica

O "Fausto" em S. Carlos

Quem conhece o *Fausto* apenas através da adaptação de Carrér e Barbier, este *Fausto* afrancesado e nalguns pontos tão superficial, chega a esquecer ou a nem mesmo vêr o lado comovidamente humano, o fundo profundamente filosofico que no verdadeiro *Fausto*, o Fausto alemão, marcou uma tão brilhante facêta no genio imortal de Goethe. Adaptando-se ás exigencias da opera, as figuras perderam aquela pureza de linhas que com tão impressionante rigor traduz o caracteristico das concepções do grande escritor que em plena transição romantica de seculos XVIII—XIX sintetisa toda uma verdadeira Renascença, essa Renascença que a Alemanha não conheceu nos seculos XVI nem XVII; e no debater das paixões que na ópera aparecem perfeitamente latinizadas, ninguem adivinharia a dôce severidade dos poeticos costumes alemães.

Seja como fôr, o caso é que a musica com que Gounod comentou a poetica concepção tem tido o poder de, resistindo á acção do tempo, agradar ás turbas, por aquele charme tão caracteristicamente francês, por aquele perfume de poesia vagamente sonhadora que dela se desprende.

A interpretação ontem dada em S. Carlos, a esta partitura foi, sobretudo por parte de alguns dos artistas que nela tomaram parte, acima de todo o elogio.

Mademoiselle Mireille Berthon, possuidora de uma linda voz, fresca, bem timbrada e de excelente escola, realisa, com a sua figura insinuante e os seus gestos ritmados, uma Margarida encantadora que satisfez por completo o publico, tendo-se feito merecidamente aplaudir na conhecida «ária das joias».

O tenor Sullivan evidenciou de novo os esplendidos dotes vocais que eu já notara no seu trabalho dos «Huguenotes». A sua voz extensa e bem emitida, sustentou sem esforço, com pasmosa naturalidade, as notas elevadissimas da primeira scena com Margarida e da romanza do jardim, tendo-se feito notar bastante na interpretação de toda a parte amorosa.

Quem, porém, a meus olhos sobreleva em perfeição artistica, ao meio de todo um conjunto tão notavel como este de que venho tratando, é o baixo Cirino.

E' extraordinario como a sua voz, a sua figura, a sua mimica, o seu poder de expressão, o seu talento, emfim, se adaptam com tamanha facilidade a todos os generos. Aquele mesmo artista que no «Gurnemanz» do «Parsifal» conseguiu uma tão genial encarnação da candida figura do mistico eremita, traduziu ontem ao meu olhar admirado, em toda a sua satânica exuberancia, essa outra tão oposta e estranha figura de «Mefistofeles» e com tão requintada minucia, com tão perfeita justeza o fez, que dificilmente esquecerá a impressão estética que tal interpretação me deu.

O *Mefistofeles* de Cirino é um *Mefistofeles* sarcastico, astucioso, cheio de vivacidade e de intenção, sabendo ferir a nota ironica tão espirituosamente, com tão discreta subtilesa, que dificilmente terá quem o iguale. Devia ser este o *Mefistofeles* sonhado por Goëthe. O publico compreendeu-o, pelo que o aplaudiu calorosamente ao terminar o *Dio dell'or* e a *serenata*, em que foi simplesmente genial.

Miss Cecilia Sturt, muito bem na parte de *Siebel*, dando com a sua voz fresca e as suas hesitações de debutante um encanto muito especial ao seu pequeno papel.

Os srs. Fontana na parte de *Valentim*, Luisa Conde na de *Marta* e Eranzkin na de *Wagner* deram tambem favoravel impressão, assim como os córos e os bailados, que muito agradaram.

Não esquecer uma saudação ao maestro Gui, que uma vez mais confirmou os seus extraordinarios dotes de regente, conduzindo a orquestra com admiravel segurança e fazendo-se merecidamente aplaudir, sobretudo pela maneira habilissima como se houve no prelúdio, na valsa e na marcha.

Oliva Guerra

VICTOR MOREIRA FONTES
CLINICA GERAL — DOENÇAS DAS SENHORAS
CONSULTORIO
Rocio, 59, 1.º — Tel. 5:497 C.
CONSULTAS DAS 4 ÁS 6

OS QUE TOMAM IODONAL NÃO COMEM, DEVORAM!
TÓNICO PODEROSO PARA CRIANÇAS
Superior ao óleo de bacalhau e emulsões
INDICADO DIARIAMENTE PELOS MÉDICOS ESPECIALISTAS SENHORES DOUTORES: MELO E FARO, LEITE LAGE, SALAZAR DE SOUSA, LEONEL DE MACEDO, ETC.
FARMÁCIA FORMOSINHO
Praça dos Restauradores, 18

O TEATRO DOS NOSSOS DIAS

A "mise-en-scène"

e os seus novos processos

A sua simplificação e a sua nova orientação

O progresso das ideias nos ultimos trinta anos, acrescido da rapida renovação da vida material, desconcertaram um pouco os artistas dramaticos, os quais sentem, ha um tempo a esta parte, que seguem um caminho errado ou, pelo menos, que são obrigados a fazer esforços para se desembaraçarem das mentiras da inteligencia e encontrarem, de novo, a ingenuidade e a sinceridade primitivas.

Conta-se que o pintor francês Eduardo Vuillard, já proximo, creio, dos cincoenta anos, passeando, o verão passado, no delicioso bosque de Vaucresson, que fica perto de Paris, dissera a um seu amigo, Paul Geraldy, que depois divulgou as suas curiosas palavras: «Parece-me que os meus olhos vêem claro pela primeira vez na minha vida; que que eles se acham, finalmente, libertados da chamada educação artistica; que nada já se interpõe entre mim e a natureza; que vinte e cinco anos de estudos apenas conseguiram limpar-me os olhos dar-me uma imagem pura.»

Tornar a adquirir o que possuem os selvagens—a sensação pura das coisas da natureza e do homem, isto é, voltar a ser instintivo, sem perder, porém, os beneficios das vitorias da inteligencia—eis o que a muitos se afigura a grande preocupação da torturante epoca actual.

No teatro—citemos este pequeno exemplo—percebeu-se, quanto a scenarios, que a orientação adoptada geralmente era absurda, que um scenario não deve ser senão um *fundo* e que, ainda quando contribuia com os seus tons para *enquadrar* o drama, não deve assumir demasiada importancia, conservando-se sempre um simples *fundo*. E' este, afinal, o principio do «Guignol». Na escura caixa do «Guignol»—recordam-se?—o scenario ocupa um logar muito modesto. Os titeres nunca se afastam da ribalta e antes avançam o mais possivel até sair da boca da scena, vivamente iluminados pela luz exterior e de modo a recair sobre eles todo o interesse.

Alguns insignes *metteurs en scène* compreenderam que o ingenuo Guignol era preferivel ás estravagantes e desconchavadas complicações modernas e que os *interiores* com mobilia, quadros, tapetes e acessorios constituem um contrasenso. Simplificaram, pois, os seus scenarios até os reduzirem a um muro ou a uma tenda, deante da qual se colocam, simplesmente, a mesa e a cadeira indispensaveis. O mal está em que o publico, com habitos arreigados, fica surpreendido e mesmo desnorteado com tal simplificação de processos e, assim, o efeito alcançado é oposto ao que se quere alcançar. Fez-se uma *mise-en-scène* modesta, mas, exagerando tal modestia, chamou-se precisamente, para ela, a atenção do publico. Dahi interminaveis discussões...

O que talvez é preciso é organizar a *mise-en-scène* com tanta delicadeza que o publico não repare em que se encontra deante de uma simplificação da vida real. Um autor não faz falar os seus personagens como na vida: procura apenas conseguir que eles *pareçam* falar como na vida. E para que no teatro haja a requerida «homogeneidade entre os elementos», é indispensavel que o decorador tambem interprete a realidade e atinja a unica verdade que existe—a verdade artistica.

Na ocasião da representação, em *premiére*, de uma comedia no *Théatre Français*, os ilustres ensaiador Geraldy e pintor Drésa decidiram, de acôrdo com o grande director Emile Fabre, aplicar á interpretação teatral de uma sala de visitas o principio acima exposto.

Nesse sentido, o pintor apressou-se a interrogar *mademoiselle* Piérat, que devia criar o principal personagem, sobre qual seria a côr do seu vestido. *Violete*—respondeu ela. Então, Drésa deu aos seus scenarios os tons necessarios para marcar um *fundo* que valorisasse, o mais possivel, a elegantissima *toilette violete* de *mademoiselle* Piérat, preferindo, quanto ás côres, os azues e os vermelhos *bordeaux*. As côres, porém, não eram ainda tudo... Ele exigiu, igualmente, que a fazenda do vestido da protagonista fosse diferente da fazenda dos vestidos dos outros personagens, para se salientar no ambiente em que a comedia se desenvolvia. E para que a fazenda da *toilette* de *mademoiselle* Piérat ressaltasse, resolveu-se não adoptar, para cobrir os moveis, senão tecidos completamente opacos.

O arquitecto Robert Lebout encarregou-se, por seu turno, de desenhar os moveis.

Era preciso que não ferissem a atenção nem pelo excesso de luxo nem pelo excesso de modestia. Lebout copiou os modelos tradicionais, simplificando-os, para não surpreender o publico. Os moveis foram depois pintados num tom neutro e sem brilho, para que a lúz não se projectasse neles. Três grandes vasos azuis, escolhidos meticulosamente por Drésa, para decorar a chaminé, foram copiados em madeira, torneados e pintados sem brilho algum. Para as chavenas e a chaleira, foram preferidos modelos não envernizados, que foram tambem decorados, segundo os mesmos processos. Inventou-se tambem o modo de não empregar espelhos verdadeiros, que muitas vezes refletem o proprio publico. O muro, por cima da chaminé, foi aberto e, por detraz da abertura, sobre a qual foi estendida uma tenue rede metalica, foram colocados alguns teares que reproduziam o *ambiente* onde a peça se desenrolava.

A tentativa teve sucesso? Teve, ao que parece. O futuro nos esclarecerá melhor. Afiançam, porém, que era um divertimento observar o notavel artista Drésa a trabalhar com tanta deligencia e minucia, empregando todos os seus esforços para que a *mise-en-scène* resultasse tão perfeita... que passasse despercebida.

Drésa prefere que seja na comedia que o publico pense.

—Julgo haver conseguido o meu intento — disse ele — quando os espectadores, aos quais perguntarem: «o que dizem da *mise-en-scène?*» responderem: «A *mise-en-scène*... não sei... pareceu-me bôa... A verdade, porém, è que não reparei nela».

Emygdio Garcia

NACIONAL
Telefone C. 2049
Hoje — ás 21
A peça consagrada pelo publico e pela critica — Exito inconfundivel
O Centenario

TEATRO CHIADO TERRASSE
Companhia LUZ VELOSO
Grandioso exito
HOJE — A comedia em 3 actos, adaptação de André Brun
O JUIS DE FORA
NOITE DE GARGALHADA
SABADO, 21 — RECITA DO AUTOR, que dirá os seus versos ineditos «A Tragedia do Quintello» — O Juis de fóra

TELEPHONE, C. 861
Fornecedores dos Restaurants da Companhia Wagons Lits
JOSÉ DE PINHO COSTA & C.ª (F.º)
Especialidade em dôces e em chocolates nacionaes e estrangeiros
69, RUA DA BETESGA, 73 — LISBOA

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de Caba, D. Palmira de Azevedo da Camara Leme, D. Febronia de Abreu Saraiva, D. Eugenia de Melo e Castro de Vilhena Gomes Palma, D. Julia Gaia de Salgado Zenha da Mota Coelho, D. Heloisa Maria Barjona da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca), D. Maria Augusta Cardoso de Lemos Cabral, D. Maria Leopoldina Perestrelo Duffner e D. Maria de Lourdes Bastos Carregal da Silva Passos Pinto.

E os srs.:

D. Fernando Manuel (Atalaia), dr. Antonio de Barros Gomes, dr. José Maria do Casal Ribeiro de Carvalho, dr. Henrique Bonhorst, Antonio de Sá Guimarães, Nuno de Brito e Cunha, Julio de Morais, José Maria Relin Geraldes Borba e o nosso antigo colega do «Liberal» Julio da Costa Pinto.

Pontos de reunião

Em S. Carlos

Assistencia elegante á ultima representação da opera «Thais» em decima sexta recita de assinatura ordinaria:

Marquesas de Avila e Bolama e da Praia e Monforte (D. Maria Ana), condessas do Prado, da Louzã e filha, de Castelo Mendo, das Galveias (D. Maria Guiomar) e de Pinhel (D. Dolores), D. Fanny Davideen Perestrelo de Vasconcelos e filha, D. Maria Tereza Pressler Pinheiro Chagas e filhas, D. Eponina Mackee, D. Rosa Drago Herrera, madame Marti, D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo, D. Maria Bruno de Heredia, D. Tereza Valente Moreira Teles da Silva (Tarouca), D. Camila de Paiva Raposo e filhas, D. Alice Carneiro Neto Rebelo, madame Loureiro, D. Beatriz de Sousa e Faro de Aguiar, D. Georgina de Mendonça, D. Gerty Abecassis, D. Palmira da Costa e Silva, D. Aurora de Albuquerque d'Eça Leal, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrelo, D. Amalia Valejo de Oliveira e Silva, D. Maria Antonia Tedeschi Placido de Melo Breyner (Mafra), D. Maria da Conceição d'Eça Leal Abecassis, D. Raquel Vieira de Matos, D. Maria Julieta da Costa e Silva de Neves Ferreira, D. Eliza de Campos Henriques de Almeida Braga, D. Josefina Oliveira Pires, D. Eugenia de Melo e Castro de Vilhena Gomes Palma, D. Luisa de Sá Pais do Amaral (Anadia), D. Maria Francisca e D. Ana Teles da Silva (Tarouca), D. Ana e D. Maria de Lourdes de Mendonça Cyrne, Miss Mabel Potter, D. Maria de Mendonça, D. Margarida Moutela, D. Laura de Campos, mademoiselle Schroeter de Oliveira Pires, etc., etc.

No Politeama

Assistencia elegante á fésta da notavel actriz D. Lucinda Simões, que ontem se realizou neste vasto teatro:

Condessa de S. Miguel, viscondessa de Alvelos, D. Luisa Cabral Metelo Pinto Barreiros, D. Maria José Ortigão Burnay Gusmão de Moura, D. Maria José de Barros Belmarço, D. Amelia Salter Belmarço, D. Laura Santana Galhardo, D. Maria do Carmo Navarro de Andrade Belmarço Pereira de Carvalho, D. Angela de Castro e Fontes, D. Clara Caldeira de Pina Machado e filha D. Branca; D. Bela James Esteves da Fonseca, D. Manuela Caldeira de Pina Machado, D. Gabriela Bandeira de Melo Lopes, D. Suzana Ayres de Castro, D. Maria Augusta de Carvalho Morais, D. Angelica Pavão Pereira Rosa, D. Henriqueta Alves de Carvalho Simões Ferreira, D. Maria Cristina Teixeira de Azevedo, D. Maria Antonia Alves de Carvalho Simões Ferreira, D. Aida Mourão, D. Adelaide Bramão, D. Eugenia Furtado do Mendonça e Silva Canedo (Barbacena), D. Alice Mourão Viana, D. Maria Inocencia Quelhas Sardinha Durão, D. Berta Macieira Reis, D. Adelia Moutinho, D. Judite Franco Teixeira, D. Carolina Teixeira Pereira, D. Hilda Moutinho Machado da Cruz (Queluz), D. Mariana Barbosa da Cunha Soto Maior Riccou, D. Francisca e D. Maria Luisa de Noronha (Paraty), D. Maria Teles Macedo Monteiro Torres, D. Laura Barbosa da Cunha Soto Maior, D. Adelia e D. Eulalia Pereira, mesdemoiselles Alvares, etc.

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» ámanhã, na recita da moda do teatro de S. Luís, onde mais uma vez se representa a lindissima e fina opereta «A Moreninha», original do nosso colega na imprensa D. José Paulo da Camara e do brilhante poeta Luna de Oliveira, com musica do inspirado maestro Filipe Duarte.

THEATRO SÃO LUIZ
EMPREZA A. RAMOS, LIMITADA
Concertos BLANCH
Domingo, 22—Matinée ás 3 horas da tarde
8.º concerto de assignatura
ORCHESTRA SYNFONICA PORTUGUEZA
dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH
em que toma parte a distincta pianista
D. Beatriz Coelho
PROGRAMMA—1.ª PARTE
I «L'Arlésienne», 2.ª suite, Bizet.
a) Pastorale
b) Intermezzo
c) Menuet
d) Farandole
II—«Romanza em fá», Beethoven.
Violino solo—Sr. Flaviano Rodrigues
2.ª PARTE
III—«Concerto em lá menor», op. 54, Schumann.
Para piano e orchestra
a) Allegro
b) Intermezzo: Andantino Gracioso
c) Vivace
Piano—D. BEATRIZ COELHO
3.ª PARTE
IV—«Tasso, Lamento e Triunfo», poema synfonico. Liszt.
V—«Marcha militar», Schubert.
Bilhetes á venda

DR. ARBUÉS MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS ÁS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

Grande Café de Italia
DÉJEUNERS
A PRIX FIXE ET A' LA CARTE
Esmerado serviço de chá, chocolate e torradas
Rua 1.º de Dezembro

EPISTOLARIO

O pintor Maximo Paulino dos Reis

escreve a um "estimavel senhor" pedindo uma esmola para comer

Uma biografia do artista encontrada nos papeis do historiador da nossa numismatica Manuel Lopes Fernandes

Estimavel Senhor

Ontem passou V.ª S.ª pella praça das flores e olhou para as Janellas desta sua Caza, porem naõ sabia a Vesita femenina que eu nella tinha porque se o soubece, entrava dentro e punha a pontapés a tal Vesita pela porta fora. Ora quem hera a Vesita? (Héra a fome).

Desculpe-me e Vai o Costumado meo filho.

As $\frac{6}{2}$ da Manhã,

Seo m.to Obrigado

MAXIMO PAULINO

Maximo Paulino dos Reis entrou, como exposto, na Casa da Misericordia da cidade do Porto em o primeiro de Dezembro de 1778, como consta de uma certidão que êle possue, e eu vi, na qual se declara que o exposto teria talvez três dias de existencia. Foi para uma ama que o criou, e o conservou talvez até á idade de seis ou oito anos, passando para o poder de um sargento reformado, pobre, que vivia do trabalho do oficio de alfaiate, oficio que começou a ensinar ao Maximo; mas êste rapaz, com espirito buliçoso, e incapaz de qualquer aplicação, abandonou êste oficio; e desejando antes ser pintor, obteve empenhos, e entrou, em 19 de Abril de 1792, para a Casa Pia, estabelecida pelo Desembargador Intendente Geral da Policia Diogo Inácio de Pina Manique. Frequentou naquele estabelecimento, primeiramente o desenho com o professor Antonio Fernandes Rodrigues de Noronha, e depois a pintura com o professor José da Cunha Taborda.

Pelos anos de 1802 foi como pensionista do governo estudar em Roma, saindo de Lisboa na companhia do embaixador D. Alexandre de Sousa Holstein, que ali o protegeu, e lhe obteve duas pensões das que se davam aos jesuitas, fazendo ambas juntas 16$000 réis cada mês, que os recebeu desde o ano de 1804, até que os franceses entraram em Roma. A êste respeito possuo (por copia do original) o seguinte atestado:

«José Manuel Pinto Comendador da Ordem de Christo e Ministro plenipotenciario junto a S. Sede, &c. &c.

«Atesto que Maximo Paulino dos Reis foi mandado da Real Corte de Portugal a Roma como pensionado da Academia de Portugal na mesma Cidade destinado a apprender as belles artes, começando a vencer a sua pensão desde o anno de 1804, o qual a pesar de a ter sempre bem merecido pela sua boa conducta e progressos na mesma arte de pintura, deixando de receber por falta de communicação com a mesma Corte de Portugal no anno de 1808: (1) e por me ser pedida lhe passei a presente que vae por mim assignada e selada com o sinete das minhas armas. Roma 3 de Novembro de 1813.—*Commendador Pinto.*—

«Essendo rechiesto affermo lo stesso supra.—*Franc.º Furtado* Rettore in S. Antonio de Portuguesse.»

Nenhum proveito tirou em Roma Maximo Paulino, porque pelo seu genio extravagante, não desenhava, nem lhe emportava o director que lhe haviam dado, e andava continuadamente em sucias, ou fazendo retratos e outras miudezas, para ganhar dinheiro que lhe podesse chegar para as suas loucuras.

Em 1812 saiu de Roma, com passaporte do governo francês, e foi para Tunes, e depois de estar em varios terras, parece que chegou a Lisboa em 1813, e com aquelas protecções que em Portugal se deram sempre aos vadios, foi despachado pelo visconde de Santarem, com aprovação do governo, para pintor das obras do Real Palacio d'Ajuda com o ordenado anual de 600$000 réis, além de uma gratificação de 48$000 réis por ter ali alguns discipulos.

Pouco ali pintou, sendo todas as suas obras horriveis, assim como alguns retratos para fóra, sem nenhuma semelhança, trabalho para que tem negação natural. Não lhe chegava este ordenado e tudo o mais que ganhava, andando sempre a pregar calotes, e a comer o dinheiro de obras que ajustava e não concluia, como aconteceu com um painel da condessa da Ribeira, que foi necessario fazelo em casa do conde de Lavradio, pagando-lhe este um tanto sómente quando o Maximo ali pintava. Com a vinda de D. Pedro foram extintas todas as obras do Palacio d'Ajuda, ficando o Maximo sem emprego, e recusando o lugar que lhe davam na Academia das Belas Artes de Lisboa, com o ordenado de réis 400$000 anuais.

Tratou depois de entrar para a Academia; ainda obteve dar ali algumas lições, mas a sua má lingua influiu para não tornar a ser mais admitido. Dava lições em varias casas, pedia continuadamente dinheiros adiantados, tomando por pretexto o não continuar quando já havia recebido mais do que lhe deviam, e os pais dos discipulos não cairam em mais adiantamentos. Em todas as casas em que é admitido sempre pratica tratantices, pede dinheiro, e vai criticar quanto ali vê, e até com explicações bem indecentes; mas como os maus sempre têm maiores protecções do que os bons, ainda não encontrou quem lhe amaciasse os ossos com um pau. Obteve uma pensão do governo de 180$000 réis anuais, continuando assim mesmo a pedir a todos o que lhe querem dar. As ultimas obras que me consta que o Maximo fez, foram, o retablo do tecto da freguesia de S. Mamede, e o quadro da ceia de Jesus Cristo, para a capella do Sacramento da mesma freguesia, obras horriveis em todo o sentido. erros de desenho, pessimos coloridos, tendo grandes questões e descompondo o prior por não lhe dar mais dinheiro, que ele queria receber e abandonar a obra, como costuma.

Pelos annos de 1798, segundo ele me disse, fez os seguintes retratos para serem gravados na officina do Arco do Cego, pertencente ao governo, debaixo da direcção de Fr. José Mariano da Conceição Veloso:

Retratos copiados das pessoas seguintes:

—Manuel Maria de Barbosa du Bocage—poeta.

— Padre José Agostinho de Macedo.

—José de S. Bernardino Botelho; este lhe pedio q. p.r baixo do seu retrato posesse o nome e tambem—Philosopho, Theologo, Orador e Poeta.

— Do artista Joaquim Machado de Castro.

Maximo Paulino dos Reis morreu em Lisboa 31 de Dezembro de 1865.

(1) Por causa das invasões francesas no país.

Um desenho inédito do pintor Maximo Paulino dos Reis

No Jornal de Lisboa de Noticias, de 12 de Janeiro de 1866, vem uma resumida noticia da morte deste pintor.

Manuel D. Lopes Fernandes

* * *

Esta biografia, inédita, foi encontrada nos papeis do historiador da nossa numismática Manuel Bernardes Lopes Fernandes, e foi escrita antes da morte do pintor, conforme se deduz do emprego do verbo no presente em algumas passagens dela. Publica-se apenas como curiosidade documental. Quanto ao mais, está o leitor vendo o odio que ressuma contra o pobre pintor que foi afinal um desgraçado.

Ele não era tão inabil como Lopes Fernandes quere amostrá-lo. Tinha, pelo contrario, certo valor, merecendo os elogios dos entendidos do seu tempo. O ministro de Portugal em Roma, protector de artistas e conhecedor de coisas de arte, escreve na certidão supra, a respeito da pensão que Maximo Paulino fruia em Roma, que ele a tinha «sempre bem merecido pela sua conduta e progressos na mesma arte da pintura». E tão pinta-monos erâ o artista, que o seu proprio detractor se não furtou a deixar-se pintar por ele, agradecendo-lhe calorosamente o retrato que havia feito? Sobre caluniador, ingrato.

Pedinchava? E' certo. Era o defeito de muito bons artistas da epoca. Pedinchou André Gonçalves, pintor, pedinchou um dos maiores engenhos da sátira portuguesa, Nicolau Tolentino; o grande escultor Machado de Castro passou a vida a pedir justiça... e dinheiro.

Tenho presente uma carta original de Joaquim Severino Gomes, datada de Madrid, 15 de Julho de 1831, donde se deduz que Maximo Paulino lhe pedira que intercedesse junto dos principes para que lhe encomendássem uns retratos de D. Miguel. Escusa-se o Gomes em nome dos solicitados, pois todos têm retratos que parte do monarca português: «eu o tenho, escreve ele, e as Serenissimas Senhoras Princesas tambem tem dous cada huma». A carta é endereçada a Maximo Paulino como «Mestre de Desenho de S. Altezas Reaes». Não me parece que se escolha para professor de principes um ignorante das materias que deve professar.

De resto, o mais que estas significam é o estado da penuria fisica e moral que os artistas portugueses do tempo viviam.

Publica-se um desenho original e inedito do detraido artista, por onde se vê que o *diabo* não é tão feio como os *anjos* o pintam. Pertence, bem como certos desenhos e cartas que o *Diario de Lisboa* há-de oferecer oportunamente aos seus leitores, á colecção de autografos do distinto clinico e antiquario sr. dr. João Luís da Fonseca, que na sua casa da Estrela alcançou reunir um dos melhores museus particulares de que tenho noticia.

M. Cardoso Martha

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

EDEN-TEATRO
Duas sessões
O quadro novo
1922
Graça! EXITO! Luxo!
TIC-TAC
MALANDRÚ
NASCIMENTO FERNANDES
PILHA (compère)
AURELIO RIBEIRO

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Dois temporais

Sua Ex.ª o Inverno, que este ano demorou a visita a Portugal — onde vem religiosamente todos os anos, mostrar um ar da sua graça — que é desgraça — acaba agora mesmo de se fazer anunciar, acompanhado por um luzido cortejo de furias e ventos, que passeiam á solta, sem nenhuma especie de cerimonia, á superficie da terra e á superficie do mar.

O Inverno, despótico senhor que se apossou das vidas e haveres dos cidadãos, instalou-se agora entre nós como vilão em casa de seu sogro. Nenhuma consideração pelos direitos adquiridos, nenhum respeito pelo socego e pela manutenção da ordem publica.

O Inverno, que durante uma grande parte do ano vive enclausurado no seu divino palacio — o Calendario — tem assomos tragicos de demencia, quando transpõe os humbrais da casa que os Deuses lhe deram por moradia. Contêm-no em respeito, dentro das normas do bom viver, os signos do zodiaco que lhe declararam guerra de morte.

Mas ai de nós, que não somos signo do zodiaco nem coisa que se pareça! Emquanto S. Ex.ª o Inverno tripudia á vontade — sobre a terra e sobre o mar — ha um signo do zodiaco, que vai ganhando terreno dia a dia, hora a hora, minuto a minuto. Está na casa dos 4 e receia-se que venha ainda para a casa dos 3. E' a Libra — senhora, rainha, dona omnipotente.

O Inverno a semear a morte e a Libra a plantar a dificuldade de viver.

Alguem se lembrou já, senhores, de atribuir a origem dos nossos males á linha do zodiaco, que o espirito dos astronomos inventou para melhor compreensão da barafunda celeste?

Pois aí fica a prova provada de que o zodiaco é o grande responsavel da nossa crise. O governo só tem um caminho a seguir: meter o zodiaco na cadeia e oferecer-lhe depois uma comissão de serviço em Timor. O conselho é de graça.

Norberto Lopes

O QUE SE PASSA?

O sr. Ministro das Finanças teve hoje uma interessante conferencia com o governador do Banco de Portugal

Realizou-se hoje uma demorada conferencia entre o sr. ministro das Finanças e o sr. Inocencio Camacho e Adrião de Saixas, respectivamente governador e secretario geral do Banco de Portugal, e dr. Alberto Xavier, director geral da fazenda publica. Consta que se tratou da questão cambial.

ASSISTENCIA PUBLICA

A COLOCAÇÃO DE MENORES

Vai ser alterado o artigo 16.º do regulamento de colocação de menores da Provedoria Central da Assistencia de Lisboa, a qual fica subordidada directamente ao Provedor e constituindo um serviço identico ao de socorros.

Boas novas

No gabinete dos reporteres foi recebido o seguinte radio: «Os passageiros do vapor «Traz-os-Montes» saudam penhorados o comissario sr. Inacio Quartin, pelo zelo e atenção como sempre dirigiu os serviços a seu cargo, aproveitando a oportunidade para protestar junto da comissão de inquerito aos T. M. E. pela substituição desse senhor, feita á hora impropria, retardando a viagem.

MOLIÈRE NA CASA DE GARRETT

COMO O "DIARIO DE LISBOA" VIU A RECITA DE GALA

de ontem, no Teatro Nacional

(Notas de dois nossos redactores)

A noite de ontem no Nacional, em homenagem a Molière, aquele famoso Poquelin, «le port noble, la jambe belle, le nez gros, la bouche grande», que encheu a França de espirito e de irreverencia durante um terço de seculo — foi de gala. Estava anunciado. Com efeito, compareceram alguns ministros do corpo diplomatico, algum governo, em ar solenioso nas casacas — se nos é permitido fazer referencia a casacas sem deitar a prateleira do seculo XVIII abaixo — e pela sala notavam-se alguns peitilhos e gravatas brancas, de gorra com um ou outro *smoking* do ano passado. Se acrescentarmos a isto que cá fora havia quatro policias de luva branca e que o lustre tinha mais cincoenta lampadas acesas, fica o publico ledor identificado com a gala do espectaculo de ontem.

* * *

O sr. Paul Pompei, que nos disseram representar Molière na consagração, dada a sua qualidade de gaulês, em nome dos autores dramaticos franceses, falando do palco, fez uma distribuição de cumprimentos, saudações e elogios a todos os emprezarios, a todos os autores, a todos os comediantes, a todos os criticos, jornalistas e escritores portugueses, imprimindo desta maneira um grande ar fraterno ao acontecimento. Não houve espectador, que na sua categoria não recebesse um imaginario confeito.

* * *

A conferencia do sr. André Brun, que ostentava suas veneras e altas distinções honorificas, resultou magnifica. Um pouco extensa, o publico conseguiu não rir ás gargalhadas, — com André Brun é dificil — o que prova a compenetração espiritual da solenidade por banda dos espectadores.

* * *

A maior parte da plateia vestia singelamente de *paletot* ou casabeque normal, digno do Eden. Para rir com Molière não é realmente preciso vestir uma casaca de oitocentos mil reis. Basta apenas estar com atenção.

* * *

Senhoras na plateia — rarissimo. E foi para estranhar. Recita de gala, havia oportunidade para mostrar as espaduas. Pelos camarotes, algumas ilustres senhoras. Mas não iam além de uma duzia. Molière, realmente, não está muito em ar de santidade com as nossas mulheres. Pode ser mesmo que o não conheçam. Ele já morreu há tanto tempo...

* * *

O sr. Cunha Leal, quasi sempre sosinho, de costas voltadas para o publico, recebeu nos intervalos os cumprimentos de alguns membros do corpo diplomatico. O seu sutaque beirão aligeirou-se num francês muito Luiz XIV, como competia. Os ministros estrangeiros deviam ter tido prazer em tomar conhecimento com o tom de voz do Alcaide. Ele é ainda uma reminiscencia do tom com que Viriato falava aos romanos, e os netos de Viriato aos netos dos romanos, nacionalizados espanhois ou franceses.

* * *

O dr. Julio Dantas, grande linha tirada de alguma estampa rara da Biblioteca dos tempos diplomaticos de Viena de Austria, corrigida a farda para o costume que se veste de Regent Street, devia ter dito a alguns altos representantes dos paises estrangeiros:

—Aqui onde me vêem, ministro e diplomata, já fui autor dramatico, como Molière. Fui eu que fiz *A Severa.*

* * *

Passando distraidamente os olhos pela plateia a certa altura vimos que a maioria dos espectadores se encontra, numa atitude de vencidos da vida ou do espectaculo, aos proprios braços da cadeira, deixando-se ficar amachucado, como depois de uma desilusão. Metade do país está de facto assim, molemente, deselegantemente, desconchavadamente metido no «fauteuil» da sua indiferença predestinada.

* * *

O actor Chaby Pinheiro, que dá ao *Sganarelo* uma indumentaria original, recebeu uma grande salva de palmas quando entrou. Agradeceu. Quando vemos o publico ovacionar os grandes artistas quando eles entram, logo nos lembra que em regra se esquece de os respeitar quando eles saem. A saída de um artista da sua hora de gloria tem mais melancolia do que um crepusculo no mato. Fica-lhes só a consolação de terem um dia um centenario de gala.

* * *

Ainda Chaby. No primeiro tempo do espectaculo tomou, quasi só ele, uma frisa. Do seu peito academico sobressaia o colar e o esmalte fatidico e moleto de S. Tiago. Não sei porquê, lembrou-nos de D. Lucinda Simões, que anda sempre com S. Tiago na algibeira da saia.

* * *

O sr. ministro da Espanha, D. Alejandro Padilla, no camarote Cunha Leal, falava a certa altura de um intervalo num castelhano tão puro, tão amigavel e tão sonoro, que a plateia voltou para lá seus olhos, estarrecida. Achamos bem. A diplomacia hoje abandonou as formulas secretas da sua critica teatral.

* * *

Mas como se representou Molière? preguntará o leitor. E' o que lhe dizemos. Em pobrissimos scenarios, que nos confrangem, com adereços incompativeis pelo seu reles com a natureza do espectaculo, diante de um estafermo de pasta pintada de bronze muito capaz de figurar num cortejo carnavalesco, e que queria convencer-nos de que era assim o famoso «comedien du Roy», a companhia do Nacional intrepretou, através o classico Castilho e o gracioso Garrido das Magicas, três actos de Molière, pela indicação de Augusto de Melo e de Chaby Pinheiro, professores. E interpretou bem, especialmente Melo, Dona Maria Pia de Almeida, Rafael Marques e Chaby Pinheiro, os dois primeiros na *Femmes savantes*, o terceiro no *Bourgeois gentilhomme*, e o ultimo no *Malade imaginaire*. Mr. Gourdin, interpretado pelo sr. Joaquim Costa, nem bem nos pareceu.

* * *

O camarote presidencial, sempre iluminado, corridas de par em par as cortinas de rico veludo — esteve deserto. O sr. presidente da Republica não pode transigir nem com Molière nem com o frio. E na sala citava-se com tristeza respeitosa a ausencia, que foi devida a doença, do primeiro magistrado do país numa recita oficial. Num camarote lateral, os srs. Jaime Athias e Barreto da Cruz testemunhavam publicamente que a presidencia da Republica, se nem sempre dispõe de força, dispõe de um secretario particular e de um chefe de protocolo.

* * *

O sr. ministro da America, Bicth, ficou vizinho de madame Bonin. Conversaram por vezes num grande ar elegantissimo, a soberba *toilette* discreta de ministra de França fazendo uma graciosa marcha de ternura feminina ao pé da rigidez protocolar, americana, do mr. Thomaz Bicth.

Foram os unicos diplomatas que estiveram quietos.

Portador de explosivos

Nos calabouços do governo civil encontra-se preso e entregue á P. S. E., Antonio Vicente Botas, que foi detido no Seixal, por ser portador de explosivos.

UMA QUESTÃO ETERNA

BAIRROS SOCIAIS

e as entrevistas do "Diario de Lisboa"

O sr. Alfredo Franco, um dos seus organizadores, classifica de "Larousse" os projectos já em execução no Arco do Cego

O sr. Alfredo Franco, um dos organizadores dos Bairros Sociais, enviou-nos a seguinte carta:

Sr. director—O seu simpatico jornal acaba de prestar ao país um serviço inapreciavel. Na *eterna questão dos Bairros Sociais*, todo o mundo tem dado opiniões — e que opiniões, santo Deus — conservando-se, não sei se por modestia ou prudencia, em um comodo silencio, os tecnicos que á frente dos Bairros desde a primeira hora têm estado.

Compreende v. ex.ª que sendo eu um dos organizadores, embora dos mais modestos, dessa obra, e tambem como cidadão contribuinte, felicite o *Diario de Lisboa* pelo serviço que acaba de prestar.

O sr. engenheiro X — o da primeira entrevista — com uma coragem moral e independencia pouco em harmonia com a cobarde benevolencia dos nossos costumes, cita uma serie de casos, pondo pela primeira vez em destaque o lado fraco, e de verdade doente, da famosa obra. Esperei ver pulverizadas ou pelo menos discutidas as suas acusações, e até agora apenas o sr. Antonio Emidio Abrantes veiu atribuir aqueles erros de tecnica em que o engenheiro X aponta, ás ...comanditas e dando com o remedio a passagem ao regime de tarefas!!

Eu tenho tido sempre um instinctivo pudor em discutir os Bairros Sociais com os adventicios que por aí aparecem; o sr. Abrantes porém é, ele o diz, presidente do conselho tecnico, a sua categoria obriga-o a conhecer, pelo menos, a lei que lhe deu o logar, essa lei bem clara, bem expressamente acentua, que o trabalho por comanditas não é outra coisa que o trabalho de empreitada, onde porém os lucros, em vez de se sumirem nos bolsos de um empreiteiro, seriam divididos por todos os operarios; algum dia foi tentada a execução desse diploma tão honesto como moral?

—Se ha pouco material para as comanditas como se compreende que chegue para as tarefas que se diz produzirem mais?

Palavras e apenas palavras. E em palavras se resume a entrevista do sr. engenheiro Abrantes, que deixa de pé em absoluto as afirmações do misterioso engenheiro X: os esgotos, os saguões, o estilo Larousse e antieconomico dos projectos já em execução, a falta de um resquicio de elegancia e originalidade e até a famosa responsabilidade nos disparates tecnicos do Bairro do Arco do Cego, tudo isso é obra dos... comanditarios.

Mas o sr. Abrantes tem ideias; e aquela sobre o campo de jogos que seria entregue a qualquer club que o construisse, é *genial* e revela *conhecimentos muito especiais* do seu autor sobre a função social e educativa dos campos atleticos e até sobre a vida desportiva do nosso meio. O resto... é o resto.

Desculpe, sr. director, a extensão do arrazoado, e permita que espere sobre os outros famosos bairros em construção o que dizem os seus dirigentes, creando-me seu dedicado ven.or—*Alfredo Franco.*

Os naufragos do "Deogenes" apresentam-se ás nossas autoridades maritimas

Apresentaram-se no Instituto de Socorros os 6 tripulantes da chalupa «Deogenes» afundada no dia 17 do corrente a 40.º a SW. da barra do Tejo, que foram salvos por um vapor de pesca que os trouxe para Lisboa, aos quais o Instituto deu um subsidio pecuniario e passagens para as suas terras.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

AS NOSSAS ARTISTAS

LUCINDA SIMÕES

e a recita de ontem no teatro Politeama

"Visita de Casamento", de Alexandre Dumas, filho, tradução de Melo Barreto, e "Idilio de Velhos" de Juan Cavestany

O programa com que D. Lucinda Simões organizou a sua festa de ontem no teatro Politeama foi mal escolhido e não agradou. Dificilmente se compreende e se acredita que uma actriz de fama nacional como a mestra Lucinda não tivesse tempo para encontrar uma *tournure* de arte bem mais digna do seu nome e, francamente, da sua inteligencia. Por que a grande, a triste e a lamentavel verdade está neste facto: o espectaculo foi sofrivel porque o desempenho foi mau. Estamos mesmo convencidos de que o publico foi benevolo e paciente só por simpatia e respeito para com a artista de valor incontestavel que é a D. Lucinda.

* * *

Existe um determinado numero de peças que requer um cuidado muito particular: são aquelas peças que vivem pouco da acção e que vivem muito do dialogo.

Ora está justamente nesta categoria a obra de Juan Antonio Cavestany que pertence á escola dos Quinteros. O teatro destes autores, tendo carinho, ternura e sentimento, precisa de vida, de muita vida, para que possamos vêr tudo quanto ele encerra e que se não descobre facilmente.

Com excepção de D. Lucinda Simões e de Ribeiro Lopes, o desempenho foi duma infelicidade a toda a prova. Para que descrevê-lo? Achamos inutil. E' duplamente dificil o trabalho dum actor quando o publico está mál disposto, aborrecido, cheio de tosse, arrastando os pés ou deixando cair a bengala. Ribeiro Lopes representou o melhor possivel. Quanto a D. Lucinda, podemos enaltecer o seu trabalho, sem favor.

Assistimos antes á representação dum acto de Alexandre Dumas, filho, que Melo Barreto traduziu muito bem com o titulo *Uma visita de casamento*. Não tivemos a sorte de sentir a peça porque a interpretação não correspondeu á ideia do autor. Paciencia. E sem mais comentarios.

* * *

Brumilde Judice recitou alguns versos de Campoamor e de Olavo Bilac.

Esta actriz, que já marcou inconfundivelmente um talento com trabalhos de vulto, teve uma dição perfeita e uma gesticulação correcta ao pronunciar os belos versos de Campoamor.

Decorreu, pois, a festa de D. Lucinda Simões sem interesse, sem entusiasmo, pobre de ovações e de... flôres.

* * *

Para finalizar:

D. Lucinda Simões tem o dever moral de dar mais relevo artistico ás suas festas, para não dizer a todos os espectaculos do Politeama, que correm sob a sua direcção. Não se trata duma actriz, mas sim duma grande artista. E este titulo, que não pertence a toda a gente, traz responsabilidades—responsabilidades que foram esquecidas perante uma assistencia numerosa e escolhida. Não houve o menor escrupulo na *mise-en-scène*, nem por parte dos artistas um pouco de brio profissional: queremos dizer que não sabiam os papeis, ouvindo-se o ponto duma maneira vergonhosa até no balcão de segunda...

* * *

Entrámos no teatro cheios de contentamento, mas saimos cheios de tristeza.

Seria castigo de Molière?

Conferencia

O sr. Raul Esteves dos Santos, secretario do sr. governador civil, conferenciou com o sr. dr. Carvalho Santos, chefe do gabinete do sr. ministro do Interior.

UMA OPERAÇÃO MARAVILHOSA

OS NARIZES DEFEITUOSOS PODEM TORNAR-SE BONITOS

Uma entrevista para as leitoras

(Durante um almoço elegante)

Minhas senhoras e meus senhores e, todos vós, que tendes narizes defeituosos, tetricos de linhas, obstaculos de casamento, pontos finais irrevogaveis de capitulos de amor que não chegaram a ser—eu vos anuncío, por graça de Deus e do dr. Carlos de Melo, que a vossa inestetica se pode modificar. Não mais a leitora se embrenhará nos consultorios de beleza dando maçagens á feição inconveniente e incongruente; não mais, os elegantes viverão ao espelho as horas longas que fazem mais cabelos brancos do que mil desgostos.

O sr. dr. Carlos de Melo revogou em contrario toda a legislação do nariz feio. Graças para vós, para mim, para todos. O mundo marcha, é velho; hoje já uma Parca se pode transformar em Venus; um coxo em Antinus; um gêbo, mais forte, mais valoroso de linhas que uma estatua mascula de gladiador.

Portugal é uma terra de grandes e feios narizes. Por isso, indulgente, o nosso povo diz em seu proloquio: *o nariz não é feição*. E o ditado pegou, desculpou os defeituosos. Poetas tecem dityrambos aos olhos, janelas da alma; pintam a carmim todos os labios das mulheres de Portugal; esquecem-se sempre do nariz... Eles são tão feios, leitoras! Nariz grande: é de raça; pequeno, em mulher, genio ás riscas; em homem, pouca ponderação. Definia-se assim, sofisticamente, o nariz.

Hoje já se podem deitar as definições para o cesto dos papeis. Vamos ser bonitos, a medicina e a cirurgia descobriram um processo engenhoso, com pouca dôr, como diria, em facunda oratoria, um charlatão qualquer de S. Domingos, que nos fazem em duas horas, se tanto, ser dono do mais belo, do mais elegante, do mais fino nariz que é dado fantasiar, com o material de ocasião. *Rideau* sobre as considerações.

INTERVALO

2.º acto: a entrevista. E' na Garrett; chove lá fóra; há musica no *restaurant*. Não se toca o *Barrabás* nem o *Industão*. Qualquer coisa de mais fino, mais Chopin; compassos de musica doirada, translucida, invencivel de melancolia, que nos faz esquecer que a comida é mais artificial que o teu sorriso e o teu pó de arroz.

Isto entende-se com uma senhora que comia pouco, numa mesa ao lado e que estava sempre de perfil, para que o seu nariz grande, adiposo, não fosse focado. Nos olhos a tristeza do mar, a tristeza das grandes e irrevogaveis apreensões.

Era o nariz, não tenham duvidas.

Almoço sem ser por lista: manteiga em filigrana, imponderavel; três ovos cosidos que o criado traz numa *cuvette* de cristofle; um *ragout* de qualquer carne, que não deve ser—nem de vaca nem de boi, porque os magarefes do Matadouro, apesar de terem quebrado a piedade, com os animaizinhos, ainda não abateram rezes em abundancia. Um ovo pôdre, infelizmente; come-se o *ragout* assassoado de malaguetas e conserva *Pikford*. Será esta a marca?

Metemos o nariz na conversa dos dois—eram dois que comiam. Fala um medico que tem assistido de perto a todos os trabalhos do dr. Carlos de Melo que, já agora, se pode classificar, o concerta narizes.

—O dr. já fez operações?

—O que toma? Café? Porto?

—Nada!

O interlocutor do jornalista veste-se mais ou menos de castanho escuro, certo, fazenda côr de sangue coagulado. E' moreno, cara enxuta de carnes, nariz que não compromete o todo, mas que não é dos melhores em todo o caso.

—Aperitivo, hein?

—Não. Estamos de relações cortadas com todos os oferecimentos dos entrevistados no acto da entrevista. Depois, como bons amigos, se não há desmentido, aceita-se qualquer coisa. Já não há o interesse. Isto só se diz agora, mas fica no dialogo, para os vindoiros.

—Olhe, Carlos de Melo fez duas operações... A primeira há sete anos. Não tem nada de novo...

—Porquê? O meu amigo parece querer disputar-lhe a celebridade nascente... Um homem que concerta narizes torna-se tão grande que o sr. Cabreira fica a perder de vista...

—Ora, vamos! A primeira operação do dr. Carlos de Melo não tem nada de novo. Modificação de um nariz em sela...

—Cela?

—Não, sela, sela de cavalo. Concavo. Ia dizendo: O caso nada tem de novo, porque a modificação foi feita com incisão. A cicatriz ficou...

A musica cansa os musicos que não têm gorgetas e faz pensar os convivas da Garrett em tudo menos no que eles ali estão realmente fazendo: comer. Chove lá fora; a gentil senhora do nariz feio tem uma tragedia apunhalante no olhar. Dois olhos de mina de carvão.

—A segunda, sim, é inteiramente nova e ainda não se fez se não na Alemanha.

—Quem foi o precursor dos narizes esteticos?

—Joseff.

—Judeu alemão?

—Sim.

—E como se faz a operação?

—Pelo enxerto...

—Tecnicamente, é assim?

—E'.

—Um enxerto. Tal qual se faz numa arvore. O doente ageita-se na cadeira, anestesia parcial, durante duas horas; já ha um bocado de osso que se arrancou de uma omoplata ou de uma canela... Devagarinho, alargando as narinas, introduz-se o osso e temos um nariz perfeito.

— Curas?

— Uma maravilhosa, de ha pouco tempo, que o dr. Carlos de Melo descreverá logo na sua conferencia...

— E o enxerto pega sempre?

— Ha riscos em todas as operações, mas quasi sempre pega. Agora se não pegar, não há cicatriz. E dantes ficava... Isto sim. E' novo, só Joseff...

— O tal que é alemão e judeu e psicologo. Se ele descobriu a maneira de curar a maior preocupação da humanidade: o nariz feio!

— O dr. Carlos de Melo vai ter o consultorio cheinho como um ovo. Não este que veiu agora aqui á mesa e que era pôdre..

— Não, não é tanto assim. Compreende que só as pessoas que têm narizes defeituosos ou por doença ou por traumatismo é que se sujeitam á operação...

—Mas se ele ha tantos narizes que não são bonitos!

3.º acto: Opiniões sobre narizes, á margem das operações do sr. dr. Carlos de Melo:

—Acredita que o nariz influe muito na estetica do rosto?

—Absolutamente. Veja uma caricatura. Com um mau nariz deita-se uma reputação abaixo... Os melhores são os grandes.

Luminosamente:

—Tem razão. A Cecilia Sorel!...

—Verdade! Você merece o café... Tome-o.

—E diga-me, sem café: o doutor tem mais operações entre mãos?

—Uma para amanhã. Homem distinto, conhecido de Lisboa... Sensação, misterio. Vá ámanhã ao consultorio de Carlos de Melo. Sim? Prometido.

—Café? Porto? Aperitivo?

—Não!

—Nariz bonito?

—Sim!

E, em vez do *homem que passa*, assina esta cronica—o jornalista de nariz grande.

A. P.

Os Teatros

A opereta A "Moreninha"

Do maestro sr. Filipe Duarte, autor da musica da opereta *A Moreninha* que está em scena no teatro S. Luis, recebemos a seguinte carta:

Sr. director—*Não tendo lido o numero de sabado do seu excelente «Diario de Lisboa», só hoje tive conhecimento de uma carta nele publicada e assinada por I. C. na qual sou acusado de ter incluido na opereta «A Moreninha», de cuja musica sou autor, a canção brasileira intitulada «A Flor do Mal».*

Não é verdadeira a afirmação, e, o que ainda é peor, parece-me que não corresponde apenas ao desejo, que até seria louvavel, de me obrigar a despir na praça o alheio que eu tivesse vestido, pela primeira vez, em longos anos de trabalho que posso ter o orgulho de reputar honesto.

Pois não seria pueril, num país com as mais intimas e constantes relações com o Brasil, querer eu apropriar-me, muito á sucapa, dama das mais belas e mais celebres canções brasileiras, conhecida em todo aquele país, para a incluir numa peça que forçosamente se há-de representar no Rio de Janeiro!?

O que há é apenas isto: seguindo o exemplo de grandes e inolvidaveis mestres, ao desejar fazer musica brasileira fui buscar inspiração, para um dos numeros de «A Moreninha», á «Flor do Mal», não com o intuito tolo de a roubar, mas apenas e exactamente por ser uma das canções mais populares e mais queridas do Brasil. Os meus colaboradores na opereta, os artistas todos do S. Luís e os frequentadores habituais do palco deste teatro sabem bem que eu não fiz segredo algum deste facto.

Com efeito, a primeira parte do ultimo numero do 1.º acto parafraseia aquela produção, mas logo o ducto, que é muito longo e que a bondade do publico premiou com aplausos, toma outro rumo e até outras cadencias, procurando sempre, no emtanto, obedecer ao ritmo e á expressão da musica brasileira. Estará bem assim ou queria I. C. que eu inventasse um novo feitio para as canções do Brasil, ou que, para elas, me fosse inspirar no livro nacional da Cochinchina?

Como eu, procedeu Ciriaco de Cardoso, o inolvidavel maestro, cheio de inspiração, quando, no «Solar dos Barrigas», num numero encantador e cujas honras só a ele pertencem, parafraseou, na entrada, a «Noite serena», que lhe dava um motivo muito português. E no mesmo caso estão muitos outros autores, cuja celebridade eu nunca consegui atingir, e que são venerados pelo mundo inteiro, incluindo, talvez, os escrupulosos I. C. de todos os países.

Em todo o caso, como alguns resquicios podem ficar da acusação, eu resolvi fazer publicar «A Flor do Mal», para que os leitores do «Diario de Lisboa», que vão assistir á opereta, possam ajuizar sobre quem tem razão.

Aproveitando o ensejo para agradecer a v. todas as suas imerecidas gentilezas e muito reconhecido pela publicação desta carta, subscrevo-me com a maior consideração—De v. etc. (a) Filipe Duarte.

Atrás do reposteiro

A companhia Palmira Bastos não embarca ámanhã para as ilhas, como se havia anunciado. Parece que a razão filia-se no facto do empresario Luiz Galhardo insistir em desligar-se de todas as explorações teatrais directas e ter de se constituir uma nova empresa para aquela companhia.

—Escreve-nos o sr. Diamantino Delgado pedindo a rectificação duma noticia, que veiu publicada ha dias, onde se dizia ter aquele senhor oferecido ao actor Nascimento Fernandes, na noite da sua festa, uma carteira com a quantia de 500 escudos, quando a verdade é que esse oferecimento foi feito pela empresa Antonio Macedo.

—A companhia Ruas, que se estreia no Apolo, a 4 de março, deve apresentar-se com a revista fantasia «Belo sexo», que no teatro Nacional, do Porto, obteve o mais brilhante sucesso.

—Realiza-se hoje em S. Carlos, em 17.ª recita ordinaria, a segunda representação da opera «Fausto», sob a direcção do maestro Gui. A ultima representação desta opera é no sabado, em 18.ª recita ordinaria. Segunda-feira irá á scena a opera «Aida», de Verdi.

—A peça historica que Rocha Martins escreveu destina-se, segundo nos informam, á companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro.

CARTAZ

S. Carlos—A's 21—17.ª recita de assinatura «Fausto».
Nacional—A's 21—«O centenario».
S. Luis—A's 21—«A Moreninha».
Politeama—A's 21,30—«Visita de casamento» «Si yo supiera escribir»—«Idilio de Velhos».
Avenida—A's 21,30—«O Toureador».
Apolo—A's 21-15—«E' o levas...»
Chiado Terrasse—A's 21—«O Juiz de Fóra».
Eden-Teatro—A's 20,30 e 22,30—«Tic-Tac».
Salão Foz—A's 20,30 e 22,30—«Bichinha Gata...»
Coliseu dos Recreios—A's 20,45—Companhia de circo.
Gil Vicente (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas feiras—«O remorso».
Teatro dos Anjos—A's 20,30—Companhia de variedades.

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora—(Ao Calvario)—Aos domingos, segundas, quintas e sabados—Animatografo.

Gatunos de calçado

Esta madrugada foi roubada, por meio de arrombamento, a sapataria de David Martins, sita na rua de S. Paulo, com comunicação pela rua Nova do Carvalho. Os gatunos entraram pela bandeira da porta, após terem partido dois vidros, levando calçado e mais artigos na totalidade de 5.365$00.

INSTALAÇÕES ELECTRICAS

MAGNETO PORTUGUESA, L.DA
RUA DOS FANQUEIROS, 262

TELE { FONE 4323 C.
GRAMAS *QUINA*
LISBOA

Policlinica do Intendente

Almirante Reis, 27, 2.º

Para as classes pobres

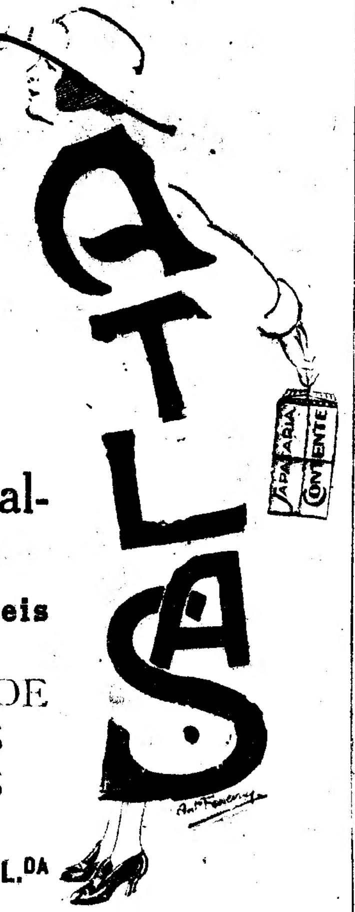
Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais. Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 10.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Formigal Luzes—Maçagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 11.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 13.

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses	9$00
6 »	18$00
12 »	36$00

Para as colonias e estrangeiro acresce o porte do correio

Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48



Os melhores calçados

Solas impremiaveis

ESPECIALIDADE EM FORMAS AMERICANAS

Á venda na
Sapataria CONTENTE, L.DA
R. DO CARMO, 74

Banco Comercial de Lisboa

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Mesa da Assembleia Geral

Por ordem do ex.mo sr. Presidente da Assembleia Geral, são convidados os srs. acionistas deste Banco a reunir em Assembleia Geral Ordinaria, na séde do Banco, no proximo dia 4 de Fevereiro ás 14 horas (2 da tarde) a fim de se dar cumprimento ao disposto nos n.os 1.º, 2.º e parte do 5.º do artigo 21.º dos Estatutos.

Lisboa, 16 de Janeiro de 1922.

O Secretario
Augusto d'Oliveira Soares Junior

A Portuense

Companhia de Seguros
S. A. R. L.

FUNDADA EM 1902

Capital: Esc.	500.000$00
Realizado » . , . .	50.000$00
Fundo Reserva. . .	95.000$00

SEGUROS CONTRA
FOGO E MARITIMOS

Agente: M. COSTA DUARTE
Rua das Pedras Negras, 30-1.º
Telegramas:—COSDUARTE
Telef.:—C. 1799

AO HERPETOL

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Fornecimento de 50 toneladas de sucata de ferro fundido macio

No dia 23 de Janeiro, pelas 15 horas, na estação central de Lisboa (Rossio), perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 50 toneladas de sucata de ferro fundido macio (para fundição).

As condições estão patentes, em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazens da Divisão de Material e Tracção (edificio da estação de Santa Apolonia) todos os dias uteis, das 10 ás 16 horas.

O deposito para ser admitido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relogio externo da estação do Rossio.

Lisboa, 14 de Janeiro de 1922.

O director geral da Companhia
(a) *F. de Mesquita*

Devo o aveludado da minha pele

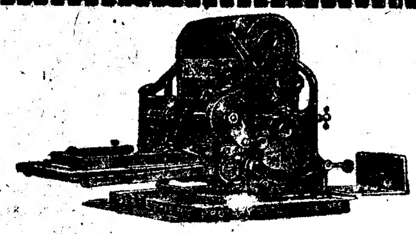
Este maravilhoso medicamento para uso externo provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de **eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e errupções.**

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias da pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, acné, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.

TELEFONES DO "DIARIO DE LISBOA"
Redacção—C. 3194
Administração—C. 3195

SÉDE DO "DIARIO DE LISBOA"
Rua Luz Soriano, 48



CADA ESCRITORIO precisa organização!!
CADA NEGOCIO precisa desenvolvimento!!

O DUPLICADOR
RAPIDO, LIMPO, SIMPLES

A. Gestetner — **70 cópias por minuto**

pode ser nos dois casos de imensa utilidade

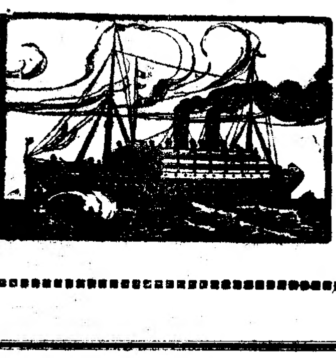
Peçam detalhes á casa

— A. GESTETNER —
Rua da Conceição, 125, 4.º
LISBOA Telefone C. 320 LISBOA

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO

LLOYD BRAZILEIRO

Linha regular mensal de navegação entre Brasil e o norte da Europa



Para carga e passageiros trata-se com os agentes

Pinto & Sotto Mayor

R. do Ouro, 24

Telefone n.º 1227 C. **LISBOA**

DAS 5 PARTES DO MUNDO

ESTRANGEIRO

DAS 5 PARTES DO MUNDO

A AGRICULTURA EM ESPANHA

A produção de cereais em 1921

1.781.349 quintais de trigo mais do que se produziu no ano de 1920

O que diz a estatistica oficial

PARIS, 18

Segundo os numeros oficiais que acabam de ser publicados, a produção espanhola de cereais em 1921, estabelece-se da maneira seguinte, para as diferentes regiões (em quintais):

	Trigo	Cevada
Castela-a-Nova	5.108.651	3.119.691
Castela-a-Velha	6.399.578	2.025.711
Estremadura	4.381.918	4.134.826
Leão	3.984.893	1.347.578
Aragão	3.942.630	1.293.068
Navarra	3.016.277	794.075
Cantabrica	454.798	17.422
Galiza	742.627	46.512
Catalunha	2.496.486	1.057.550
Levante	2.277.009	1.869.988
Andaluzia oriental	3.065.732	1.951.576
Andaluzia ocidental	3.441.301	1.620.685
Canarias	191.825	168.575
	39.503.725	19.447.257

Por outro lado a produção de aveia elevou-se a 5.169.669 quintais, a de milho a 6.324.272 e a de centeio a 7.142.286. Excepto a de centeio e de trigo, os numeros de 1921 são inferiores aos de 1920. A diminuição é de 248.768 quintais para a cevada, 312.973 para a aveia e 707.944 para o milho. Pelo contrario, a produção de trigo é superior em 1.781.349 quintais á precedente e a de centeio é de 73.160 quintais.

NO EGITO

A "boycotage" aos produtos ingleses

LONDRES, 19.

Acentua-se cada vez mais no Egito o movimento de «boycotage» aos produtos ingleses. O movimento começou no Cairo e estende-se ás provincias. N'algumas aldeias os camponezes recusaram-se a comprar e vender nos mercados que são propriedades de subditos britanicos.—(U. P.).

A conferencia de Genova

Os delegados russos

LONDRES, 19.

Os delegados russos na conferencia de Genova serão, segundo se diz, Litvinof, Kamenef, Rykof e o antigo ministro do csar Keupler. A missão será presidida por Tchitcherine.—(U. P.)

O presidente Wilson

e o tratado de Versailles

BERLIM, 19.

As revelações do ex-presidente Wilson sobre a execução do tratado de Versailles, indicam a discordancia existente em França, pois exige da Alemanha reparações imensas e simultaneamente concebe o desejo de destruir a Alemanha tanto economica como industrialmente.

A França receia que a Alemanha se restabeleça economicamente e que de novo a possa atacar. Esta apreensão, sendo a caracteristica da politica geral da França, é tambem o programa especial do novo governo.—(R.)

A VIDA POLITICA ESPANHOLA

A ACÇÃO DAS JUNTAS MILITARES

A sua dissolução e a continuação de Maura no poder

O que se têm passado desde a queda do ministerio Garcia Prieto até aos ultimos acontecimentos

As Juntas Militares que desde a sua formação vinham provocando as quedas dos ministerios em Espanha, prometeram consentir em dissolver-se, para facilitarem a permanencia de Maura no poder, apesar de terem provocado a queda do governo que o mesmo dirigia.

Criadas em 1917 pelo coronel Marquez, com o fim de pôr termo aos efeitos desastrosos do favoristimo do exercito, constituiram uma especie de sindicatos militares, em que a hierarquia era de todo abolida; pelo voto, os oficiais inferiores davam ordens, não só aos generais, mas ao proprio ministro da Guerra.

O primeiro ministerio que caiu, logo em junho do mesmo ano, o de Garcia Prieto, caiu em virtude de não ter aprovado os Estatutos das novas associações militares.

Dato, que se lhe seguiu, morreu assassinado. O ministerio imediato caiu em virtude das observações feitas pelas Juntas, do modo como haviam sido empregados alguns contingentes de infantaria, para apaziguar os tumultos de uma greve,

Garcia Prieto voltou ao poder e dissolveu as Juntas sem dificuldades, mas os acontecimentos vieram provar que as Juntas tinham sido dissolvidas apenas «in nomine». Em março de 1918 o chefe das Juntas exigiu a promulgação do decreto das reformas militares; Garcia Prieto recusou e pediu a demissão.

Depois de Romanones abandonar o poder, em virtude dos acontecimentos de Barcelona, Sanchez Toca teve uma grande luta com as Juntas Militares. Como uns vinte alunos da Escola de Guerra se tivessem permitido a liberdade de criticar a ação das Juntas, estas impuzeram ao governo a expulsão deles, sob pena de se demitirem todos os oficiais de infantaria.

Sanchez Toca aconselhou o rei a proceder energicamente, aceitando-lhes a demissão e substituindo-os por oficiais das reservas. Mas o rei não teve essa coragem, e o ministerio demitiu-se.

A fôrça das Juntas viu-se consideravelmente aumentada com este incidente.

Alendesalasar, incapaz de cumprir a promessa de dissolver as Juntas, limitou-se a substituir-lhes o nome por «comissões de informação» e a instalá-las no ministerio da Guerra.

Pensava ter assim resolvido o problema; mas as juntas, funcionando oficialmente no ministerio da Guerra, conservaram uma séde numa rua isolada de Madrid, onde reuniam secretamente todas as vezes que o julgassem necessario. E foi nessa casa que foi combinada a ultima queda do ministerio.

Sanchez Guerra disse ao rei que ao novo governo deviam ser dadas garantias de poder governar constitucionalmente e fazer respeitar a Constituição por todos.

Maura aceitou a chefia do novo governo; Sanchez Guerra disse que a crise devia provir dum erro, porque era impossivel que o soberano se tivesse recusado a assinar a dissolução das Juntas. O telegrama de Espanha não diz isto precisamente, mas que as Juntas consentem na sua dissolução.

Por quanto tempo? As Juntas já foram dissolvidas; no emtanto, quando um dos seus chefes se lembrou de impôr uma condição a um governo, este caiu.

Ha quem proponha uma regulamentação das Juntas em logar da dissolução; mas, contra isso, diz-se que as Juntas, como os factos provam, poderão reunir clandestinamente sempre que queiram.

Como se vê pela serie dos acontecimentos, esta dificuldade da vida publica espanhola não se resolve apenas com um decreto.

Grande sucesso

AVENIDA
O TOUREADOR
Récita da Moda

POLITEAMA
Telef. C. 1028 A's 21,30
Segundas representações
— da peça em 1 acto de Alexandre Dumas —
VISITA DE CASAMENTO
A peça em 2 actos de J. Cavestany
tradução de Mario Duarte e Alberto Morais
IDILIO DE VELHOS
Grande exito de ontem — Admiraveis interpretações de Lucilia Simões, Lucinda Simões, Erico Braga e Ribeiro Lopes
Enscenação de Lucinda Simões
Domingo, 22—9.º concerto de assinatura pela
Orquestra Sinfonica de Lisboa
sob a direcção de FERNANDES FÃO

Teatro APOLO
5.ª feira, 19 ás 21,15
RECITA ESPECIAL
do actor
Alberto Silva
e da discipula
Cezaria Henriques
a engraçada revista
É O LEVAS!...
COM ATRACÇÕES
Bilhetes á venda para as recitas especiais de VILA NOVA, JOÃO SANTOS e ROSA MATEUS.

TEATRO SALÃO FOZ
Empresa Artur Emauz
GRANDIOSO SUCESSO
Companhia Otelo de Carvalho
HOJE — Em duas sessões —
RECITAS DA MODA
e Despedida do querido actor ANTONIO GOMES (da Trindade), que vai sujeitar-se a uma operação cirurgica. — A incomparavel revista
Bichinha Gata...
5 numeros novos
Tomando parte entre outros artistas Otelo de Carvalho, Laura Costa, Julia da Assunção e Lina Demoel
A'manhã — Estreia do distinto actor MATIAS DE ALMEIDA, no compère, que desempenha por deferencia especial para com o seu ilustre colega e para com a Empresa

O ACORDO ANGLO-IRLANDÊS

Uma cerimonia simples e breve

A transmissão dos poderes entre os governos inglês e irlandês

Como a Irlanda recebeu a noticia

LONDRES, 19

Foi recebida com satisfação em toda a Irlanda a noticia da transmissão dos poderes das autoridades inglesas ao governo irlandês. A cerimonia foi muito simples e breve. Lord Fitzalland, vice-rei da Irlanda, recebeu o chefe do governo irlandês Michael Collins, que estava acompanhado pelos oito ministros irlandeses. O vice-rei da Irlanda estava acompanhado pelos directores gerais de varios serviços. Quando o governo irlandês saiu, as forças inglesas que faziam a guarda de honra prestaram honras militares ao governo do novo Estado Livre.—(U. P.)

As relações anglo-francesas

A entrevista Poincaré-Lloyd George

BERLIM, 19

A imprensa alemã, referindo-se á entrevista do sr. Poincaré e Lloyd George, diz que esta tem uma grande importancia. O presidente do conselho de ministros francês teria procurado aplanar dificuldades para que o acordo com a Inglaterra se tornasse em breve um facto.—(U. P.)

O acordo e a Nova Zelandia

LONDRES, 19

Respondendo á pregunta que lhe foi dirigida sobre se o direito dos dominios britanicos fazem parte do pacto anglo-francês, o sr. Massey, presidente do governo da Nova Zelandia, disse que se opunha fortemente a qualquer facto que desse lugar á divisão dos governos dentro do imperio.—(R.)

HUGO STINNES

e as antigas joias da corôa da Russia

STOCKOLMO, 19

Parece que as antigas joias da corôa russa se encontram em poder do grande argentario alemão Hugo Stinnes. Entre elas está o celebre diamante Orloff. Estas joias teriam sido entregues a Stinnes em penhor pelo emprestimo duma soma entregue ao representante dos «soviets» em Berlim.—(U. P.)

A "gripe" na Russia

alastra assustadoramente

HELSINGFORS, 19

Lavra uma grande epidemia de «gripe» na Russia, tendo que ser adiadas varias medidas de caracter militar. Restringiu-se a circulação dos caminhos de ferro e os serviços telefonicos estão quasi paralizados devido ao grande numero de empregados que estão sofrendo com aquela epidemia.—(U. P.)

TEATRO DE S. CARLOS
Sociedade do Teatro de S. Carlos, Limitada
Telef. C. 5063
Hoje, quinta-feira, ás 20 e meia horas
17.ª recita de assinatura ordinaria: — a opera de Gounoud
FAUSTO
sob a direcção de Vittorio Gui, tomando parte nos principais papeis a soprano Mireille Berthon, o tenor Sullivan e o baixo Cirino
Sabado, 21, ultima representação do FAUSTO

DIA DE POLITICA FRACA

O CONGRESSO DA REPUBLICA DEVE FUNCIONAR COMO OS CONGRESSOS SCIENTIFICOS

E' esta a opinião do sr. dr. João de Deus Ramos

A politica deu hoje pouco de si. As eleições, maquinando-se na sombra, não fornecem assunto aos alviçareiros.

O problema das eleições em Lisboa parece ter melhorado para os republicanos. Pelo menos, os democraticos afiançam que está passada a ideia do perigo, por isso que serios balanços que tem dado ao seu activo os habilita a supôr que os monarquicos talvez levem por Lisboa apenas dois deputados.

Esta tarde um encontro com o dr. João de Deus Ramos permitiu-nos ouvir uma opinião interessante d'este antigo deputado, e que, por nossa solicitação, foi posta em artigo pelo proprio.

A transformação do Congresso da Republica é uma preocupação, que uns condenam e outros olham com certa ternura. O dr. João de Deus Ramos encara-a sob um ponto de vista novo e curioso. (Os sub-titulos são nossos).

«Uma pequena narrativa.

Nas eleições suplementares de 1913, quando fui deputado pela primeira vez, convidaram-me a ir, dias antes do acto eleitoral, apresentar a minha candidatura e visitar os eleitores, que eram os do circulo de Lamego. (O caso faz lembrar certos casamentos de conveniencia, em que só nas vesperas da jornada nupcial os nubentes se aproximam para se conhecerem).

O eleitorado de Lamego, claro está, não me conhecia, ou conhecia apenas, por tradição, o nome de que eu sou modesto portador.

A estrutura moral daquele eleitorado, como em todos os circulos politicos do país, tinha sido gerada pelo caciquismo da monarquia deposta, e estava tal qual como na hora de transição do regime monarquico para o republicano. Ora eu compreendia que se aceitassem as coisas como estavam, isto é, as forças e os habitos eleitorais, simplesmente corrigidos pela isenção de proceder das autoridades da Republica. Mas pensava tambem que á Republica, pouco a pouco, lentamente, efectivando uma acção educativa e de propaganda inteligente e continua, competia produzir uma mudança radical na maneira de ser do eleitorado, a fim de que o voto se tornasse uma iniludivel afirmação de vontade pessoal, emquanto não pudesse ser uma afirmação perfeita de consciencia esclarecida.

Uma eleição assegurada

Acedi, pois, ao convite, na intenção de obter resultados praticos neste sentido. Queria fazer declarações que me servissem de afinidade para com os «meus» eleitores, valorizando politicamente a minha representação parlamentar, não por uma politica de favores pessoais mas por uma politica de serviços de interesse colectivo.

Baldado intento!

Quando cheguei a Lamego, encontrei diante de mim uma muralha de influentes eleitorais. A' frente, como um regente de filarmonica (que me perdôe s. ex.ª) o dr. Alfredo de Sousa. Feitas as apresentações, muito amaveis, foi-me desde logo garantido que a minha eleição era certa. Eu até poderia regressar imediatamente a Lisboa, a não ser por causa da apresentação da candidatura... Respondi que agradecia mas desejava usar da palavra na cidade de Lamego, para que os eleitores da séde do circulo me ficassem conhecendo e para que me ouvissem determinadas declarações. O dr. Alfredo de Sousa insistiu, porém, na negativa. Não era preciso. A eleição estava assegurada. Era o que importava...

Os que faziam uso da palavra

De Lamego segui para os outros concelhos do circulo eleitoral, e nesses concelhos pouco mais fiz do que ficar relacionado com os influentes locais do partido democratico.

Foi assim que dei entrada no parlamento, levando aos ombros a opa de deputado da maioria.

Dentro do parlamento comecei a sofrer da tontura que o barulho e o ruido continuo produzem sempre em todas as pessoas de qualidades auditivas. Os musicos e os poetas, forçados a estar demoradamente naquele meio, a alturas tantas têm de se ausentar para não sentir perturbações cerebrais.

Eu entrara ali empenhado em servir três ideias que reputo de interesse nacional e que pretendia advogar com exito e com honestidade. Aguardava apenas, no meio daquela barafunda, que me chegasse a oportunidade de falar.

Parecia, no entanto, que só os deputados que não tinham pejo de falar sobre tudo é que faziam uso da palavra quando queriam. E assim, dia a dia, a minha fraca figura de representante da nação ia desaparecendo de tal maneira aos meus proprios olhos como se um proso monstro me premisse sobre o fundo almofadado da cadeira, em que me sentara, e me paralisasse por completo. Perante a chamada disciplina partidaria, apenas me restava uma liberdade, a liberdade de pensar. Um dia, porém, ocorreu-me este raciocinio simples.

A oratoria balofa é inadmissivel

O Congresso da Republica era um congresso politico, sem duvida. Mas era um congresso que tinha, como fim principal, nem mais nem menos do que fazer as leis por que se devia reger a nação.

Dizem os textos antigos, o que neles é bem um logar comum, que as «leis devem ser justas e sabias». Justas? Porque precisam de se ajustar ás necessidades e aos usos dos individuos que as têm de aplicar. Sabias? Porque, se não obedecem ao conhecimento exacto das condições do meio social, nem se baseiam no *facto*, no *individuo* e na *tradição*, é natural que originem a confusão nos espiritos e nos costumes.

Consequentemente havia toda a razão para que o Congresso da Republica funcionasse como um congresso scientifico.

Pois — considerando a inversa — porque motivo não funcionam os congressos scientificos simplesmente em sessões plenarias, mas sobretudo por secções e sub-secções, quando é certo que esses congressos são constituidos por elementos duma especialidade? Porque o trabalho espiritual util tem sempre um aspecto intimo, grave e sereno. Porque no estudo e na discussão inteligente, a oratoria balofa é inadmissivel. Porque, nestas circunstancias, quem não sabe nem tem ideias, cala-se; não há poses nem discursos enfaticos que se não tornem ridiculos.

Uma selecção eficaz no Parlamento

A meu ver, pois, o parlamento devia funcionar por comissões e sub-comissões, fazendo-se o registo taquigrafico dos trabalhos dos parlamentares no estudo e discussão dos assuntos pendentes.

Os taquigrafos não tinham que gravar discursos. Tinham apenas que fixar rapidamente as opiniões, moções e conclusões dos deputados e senadores de cada comissão.

Exerceriam funções semelhantes ás dos escrivães nos processos judiciais.

As sessões legislativas deviam realizar-se num periodo curto de trabalho intensivo. Os governos teriam assim probabilidades de governar com mais estabilidade. Desta maneira evitar-se-hiam as leis de duodecimos, porque seria escandaloso que não houvesse leis orçamentais e orçamentos.

Nas sessões plenarias falariam os relatores, representantes das comissões ou da respectiva maioria, e poderia falar tambem algum elemento eleito pela minoria da comissão, quando houvesse divergencia de opiniões e de votos nos projectos, pareceres e moções em discussão. De resto, nas sessões plenarias proceder-se-hia simplesmente á votação definitiva.

Seria esta uma maneira indirecta de obter uma selecção eficaz no parlamento.

Mas o meu ponto de vista levar-me-hia muito longe, para lhe dar o desenvolvimento necessario. Os especialistas da materia que vão consultar a acção juridica de Napoleão e a constituição parlamentar da America do Norte. Eles que se pronunciem sobre uma tentativa semelhante, que, ha meses, se discutiu em França. E eles que vejam se a recente alteração á constituição da Republica, apresentada e defendida pelo ilustre deputado Baltazar Teixeira, homem de estudo e de caracter, satisfaz plenamente. A mim parece-me que não. Está ali a principal conquista; mas a parte final do § 3.º do artigo 1.º da lei n.º 1.154, inutiliza em grande parte a sua eficacia.

E ponto. Teem a palavra os especialistas do direito constitucional.

João de Deus Ramos

5 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 5 HORAS DA TARDE

O REGIME DOS "SOVIETS"

OS NOVOS COMISSARIOS DO POVO

A SUA CONSTITUIÇÃO

HELSINGFORS, 19.—A lista dos comissarios do povo russo ficou assim constituida: presidente, Lenine; vice-presidente, Rykov; comissario do trabalho, Shmidt; comissario dos correios e telegrafos, Dovgalewsky; comissario dos abastecimentos, Brukhanov; comissario do comercio exterior, Krassine; comissario do interior e dos transportes, Dzerjinsky; comissario da guerra e da marinha, Trotsky; comissario dos negocios estrangeiros, Tchitcherine; comissario da justiça, Kouresky; comissario da saude publica, Semochke; comissario das finanças, Krestinsky.—(R.)

A PROPOSITO DUM "ÉCO"

O comicio socialista

e o sr. dr. Amancio de Alpoim

Do sr. dr. Amancio de Alpoim, em referencia a um «eco» do *Diario de Lisboa* de ontem, recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos:

Sr. director do *Diario de Lisboa* — O brilhante jornal de v. publicou a noticia da minha intervenção no futuro comicio do partido socialista, e provavel adesão a este partido.

De verdadeiro, por agora, apenas destaco um facto real na informação que a v. forneceram. Sou companheiro de escritorio do dr. Ramada Curto, seu amigo de ha muitos anos, ligado a ele por afeição tão grande que não ha situações politicas capazes de a reforçar ou diminuir. Neste país de fanaticos vive a nossa amizade sem conflictos de ideias ou interesses. — E' raro, mas é assim mesmo. —

Se algum dia viermos a pensar da mesma forma trabalharemos juntos. Por emquanto apenas nos sucede com frequencia encontrar entre nós inteiro acordo. Queiram as nossas inteligentes e progressivas classes conservadoras perdoar este pecado que humildemente confesso. — De v. etc. — *Amancio de Alpoim.*

O sr. ministro do Trabalho

Visitou hoje a Escola Profissional de Santa Clara e o Asilo D. Maria Pia

O sr. ministro do trabalho, acompanhado do seu secretario sr. José de Melo e do sr. Pais Abranches, provedor da Assistencia Publica, visitou hoje a Escola Profissional de Santa Clara.

O sr. dr. Alves dos Santos colheu durante a visita as melhores impressões, tendo sido acompanhado pela directora da Escola, sr.ª D. Maria Ferreira.

Em seguida visitou o Asilo do Alto do Pina, que está já concluido, e que será inaugurado em Abril ou Maio.

O sr. dr. Alves dos Santos dirigiu-se depois para o Asilo de D. Maria Pia, vizitando demoradamente todas as instalações.

A' entrada do edificio tinham formado os alunos, tocando a banda do Asilo a *Portuguesa*.

O sr. ministro do Trabalho visita ámanhã, ás 14 horas, a Provedoria da Assistencia e o Asilo José Estevão.

Malas postais

Pelo «San Miguel» são ámanhã expedidas malas postais para a Madeira, Açores e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

NOTAS POLITICAS

A Arcada ás 5 horas

as eleições, sempre as eleições

Andam em trabalhos negociações entre liberais e democraticos para a eleição por Lisboa, circulo ocidental. Diz-se que os liberais acompanharão a votação democratica. Claro que isto dá a entender que os democraticos compensarão por outro circulo.

O governo pensa em abrir um credito para pagar os debitos dos Transportes Maritimos do Estado, *no estrangeiro.*

O conselho de ministros reune esta noite para se ocupar especialmente da questão cambial, sendo de prevêr que o sr. ministro das finanças apresente algumas medidas para acudir já uma situação, cuja gravidade é desnecessario encarecer.

Noite de entrudo

A estreia de ámanhã no Condes

Noite de entrudo é um belissimo *film* francês que ámanhã tem a sua estreia no Cinema Condes.

Os programas da semana são simplesmente magnificos. Hoje, *Charlot e o manequim*, *Burladores burlados* e *O Geranio Vermelho.*

Na *matinée* a curiosa comedia-drama *Sempre criança,* e no sabado novo concerto de arte com um sólo de violino pelo distinto professor Flaviano Rodrigues. Na terça-feira sensacional estreia do mais extraordinario *film* de aventuras dos ultimos tempos *Os misterios do Oriente* ou *A Soberana do Mundo.*

CAMBIOS

DIA 18

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	65$000	68$000
⁸⁄₁Londres, cheque	4 1/8	4
» 90 d. v.	4 1/4	—
Rio ⁸⁄₁Londres	7 1/4	—
⁸⁄₁Paris	1$124	1$260
⁸⁄₁Itália	$600	$618
⁸⁄₁Bélgic	1$075	1$110
⁸⁄₁Suiça	2$678	2$762
⁸⁄₁Espanha	2$055	2$122
⁸⁄₁Berlim	$071	$076
⁸⁄₁Holanda	5$050	5$220
⁸⁄₁Nova-York	13$775	14$205
Austria	$004	$008
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Agio do ouro	1$150	1$220

NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 19

Cotação do café, 19$600; Cambio ⁸⁄₁Londres, 7 7/8 e 7 9/33; valor do escudo português, 600 e 550 reis.—(A.)

Coliseu dos Recreios

— Telef. C. 4196 —

HOJE-ás 20,45 (8 3/4)-HOJE

Magnificos e emocionantes trabalhos da

GRANDE COMPANHIA DE CIRCO

que tem obtido o mais extraordinario e colossal successo

Surpreendente e arriscadissima corrida de bicicleta e motocicletas dentro de um **Globo de Aço**

O NUMERO MAIS FENOMENAL E MAIS APLAUDIDO DE TODOS OS TEMPOS PELA

TROUPE STAIG